

## VISITA MONITORA NO ZOOLOGICO DE SOROCABA: UM PALCO DE NEGOCIAÇÃO DE SABERES

**GARCIA RACHID, V. (1)**

Secretaria do Meio Ambiente de Sorocaba. Parque Zoológico Municipal [virachid@ig.com.br](mailto:virachid@ig.com.br)

---

### Resumen

Os Zoológicos atualmente buscam cumprir os seguintes objetivos: conservação de espécies ameaçadas, pesquisa, lazer e educação. A educação não formal realizada nessas instituições possui características próprias e estratégias diferenciadas. Dentre elas destacamos a visita monitorada realizada no Zoo de Sorocaba-São Paulo com o manuseio de objetos biológicos. A partir da análise das falas dos sujeitos envolvidos nessa atividade (monitores, crianças e a professora) verificamos que esses objetos e o uso de analogias são de grande valia no processo de ensino-aprendizagem de temas ambientais que ocorre nesses espaços. Porém eles só terão êxito se estiverem inseridos numa mediação democrática/participativa, que valorize "os diferentes saberes" dos sujeitos envolvidos na ação e as diversas oportunidades de aprendizagem que surgem no decorrer da atividade.

---

**Objetivo:** Compreender os elementos envolvidos na atividade "visita monitorada" do Zôo de Sorocaba.

**Marco Teórico:** O hábito de colecionar animais em cativeiro vem desde a Antiguidade, principalmente entre os imperadores chineses, astecas, faraós egípcios e chefes de estado. Esse hábito permaneceu entre as famílias nobres do mundo todo, até o século XVIII, quando começaram a se formar os primeiros

zoológicos na Europa: Viena, em 1752, Paris, em 1793, Londres, em 1826 e Dublin, em 1832. Os primeiros zoológicos abertos ao público surgiram há aproximadamente duzentos anos e, desde então, vem se observando cada vez mais uma diversificação e um aumento do número de zoológicos no mundo todo. Com relação à diversidade, hoje podemos encontrar desde zoológicos tradicionais com coleções centradas, em sua maioria, em vertebrados, até instituições especializadas, como criadouros, aquários e parques. (IUCN, 1992).

Entretanto, com o passar do tempo, e a modificação na filosofia de trabalho dos zoológicos, incorporando e personificando a pesquisa e a conservação dentro de seus objetivos, fez-se necessário o desenvolvimento de programas educativos, com o intuito de legitimar a existência desses espaços e de contribuir de maneira efetiva para a manutenção das espécies selvagens em seus ambientes naturais.

Nesse sentido no Brasil Dias (2001) reconhece o trabalho de educação realizado pelo Zôo de Sorocaba como pioneiro no Brasil nessa área. Mergulhão (1998), ao avaliar quatorze anos do Programa Educativo do Zoo, categorizou os seguintes componentes intrínsecos presentes nas atividades educativas dessa instituição: interdisciplinaridade na abordagem dos temas; construção de conhecimento em relação ao meio ambiente; utilização da aventura da arte e do lúdico; questionamento de valores em relação aos animais e ao ambiente; utilização de estratégias sensibilizadoras; formação da cidadania e de agentes multiplicadores.

A *visita monitorada* foi primeira atividade educativa realizada pelo Zoo foi, a qual consiste de momentos de interação entre o público e o monitor durante um passeio pelas alamedas e tem como objetivo apresentar os animais da exibição e algumas de suas características e curiosidades, destacando os principais fatores que contribuem para sua conservação. Ela possui as seguintes etapas: **1º**: “Bate Papo” sobre os objetivos da atividade e apresentação do Zôo e **2º**: Visita pelos setores do Zôo: aves, répteis, anfíbios e mamíferos.

Com o objetivo de incrementar a visita, os monitores utilizam alguns animais vivos para manuseio (sapos e cobras) e uma “mochila de curiosidades”, com objetos biológicos preservados (crânios, patas, bicos de animais, etc.).

Assim, observa-se que devido à necessidade de tornar o conhecimento acessível ao público visitante, os zoológicos requerem o uso de metodologias educativas e avaliativas próprias. Dessa forma, com o intuito de compreender os elementos envolvidos na atividade— “visita monitorada”, realizamos uma pesquisa com um grupo de alunos da primeira série do Ensino Fundamental de uma escola pública.

**Metodologia:** Para realização dessa pesquisa adotamos como *referencial teórico a abordagem sócio-histórico-cultural de Vygotsky* e os referenciais da área de educação em museus de ciências e de história natural. Já o *referencial metodológico* selecionado foi a *abordagem qualitativa com a adoção dos seguintes instrumentos de coleta de dados: Observação direta* da “visita monitorada” por meio da filmagem e posterior transcrição das falas dos sujeitos envolvidos (monitor da instituição, crianças e da professora) e **Análise documental**.

**A “visita monitorada” analisada aconteceu pelas alamedas do Zôo de Sorocaba com algumas paradas estratégicas em frente a 5 recintos de animais brasileiros.**

Porem, neste trabalho com o intuito de conduzir a uma breve reflexão sobre a estrutura e os elementos envolvidos nessa atividade, apresentamos somente a análise de algumas falas que ocorreram em frente ao recinto da Onça Pintada com o manuseio do seu crânio.

As transcrições das falas dos sujeitos envolvidos na foram identificadas da seguinte maneira: A letra **M** (monitor), **P** (professora), **C** (crianças). Essa interação iniciou-se com as crianças sentadas em frente ao recinto das onças, cuja atenção estava direcionada para a “mochila de curiosidades”, à espera do que o monitor irá apresentar.

427. P: “O que será que vai sair daí agora?” (a professora refere-se à mochila de curiosidades)

**434. P: “O que será isso hein?”(nesse momento o monitor mostra o crânio da onça)**

435. Cv: “É do Leão”.

**440. M: “Oh, todos os bichos que eu parei para mostrar para vocês são bichos brasileiros. Que bicho será que é esse daqui?” (o monitor aponta para o crânio da onça)**

**441. C1: “Leão, onça.”**

**442. M: “Leão é brasileiro?”**

**443. Cl: “Da onça.”**

**No primeiro episódio, observamos como é marcante a presença de animais exóticos no universo infantil, esse interesse segundo Meyer (1998) é estimulado pelos meios de comunicação (desenhos animados, propaganda, livros e histórias infantis); assim, perde-se a oportunidade de divulgar os animais da nossa fauna, alertando-nos para sua conservação e valorização.**

471. M: “Oh, de todos os gatos que tem no mundo todo, a onça-pintada é o maior do Brasil. Vocês sabem que a onça é um gato? O leão também é um gato, o tigre também é um gato. Oh, o tigre é o maior gato do mundo.”

500. C1: “O tia, a pantera cor de rosa é um gato também?”

501. P: “É.”

502. C1: “Existe?”

503. M: “Que vê oh? Vou fazer uma coisa... A Daniele não é bem branquinha?”

A oportunidade de aprendizagem perdida no turno 502 foi muito significativa, uma vez que o diálogo apresentava um movimento que conduzia as crianças, por meio das conversas estratégicas (apresentados no item analisado acima) à identificação da pantera negra. Assim no momento em que a criança C1, com base nessa construção e nas informações dadas pelo monitor, no decorrer da unidade, especialmente no turno 471, chegou a um importante questionamento sobre a pantera cor-de-rosa ser um gato ou não (turno 500). Esse tipo de questionamento é originado do universo infantil, dos desenhos animados e gibis, a criança C1 estabeleceu uma conexão com as informações adquiridas na seqüência do diálogo dessa unidade com o seu próprio conhecimento. Verificamos aqui também que ela foi capaz de refletir cognitivamente essa experiência, realizando abstrações e generalizações, na medida em que percebeu que a pantera cor-de-rosa, por ter o nome parecido com a *Pantera onca* (onça - pintada), poderia pertencer aos grupos dos gatos (felinos) também.

De acordo com Smolka (2000), nas atividades, as crianças, durante as relações interpessoais, podem direcionar sua atenção para outras vivências, não restritas ao aqui e agora, inserindo suas experiências anteriores, narrando-as, apoiando-se na memória.

**Conclusões:** Nessa pesquisa foi possível pontuar os elementos presentes na composição da atividade ‘visita monitorada’: os sujeitos envolvidos nas interações discursivas, os objetos biológicos trabalhados durante a visita (animais vivos e os fixados), o roteiro e o discurso da visita. Tais elementos nos revelam que a presença dos objetos biológicos para manuseio, despertam a curiosidades e desencadeiam falas que remetem a conteúdos de conservação desde que sejam alimentadas pelo monitor; o uso de analogias no discurso do monitor é necessário ao trabalhar conteúdos de biologia com crianças; a mediação democrática/participativa deve ser estimulada como forma de assegurar "os diferentes saberes" dos sujeitos envolvidos na ação e garantir as diversas oportunidades de aprendizagem que surgem no decorrer da atividade. Constatamos dessa

forma que o processo de formação dos mediadores que atuam nessa atividade é muito importante na medida em que eles são co-autores do processo de "aprendizagem", e que a visita monitorada no Zôo deve ser vista como um “palco” onde os diferentes atores envolvidos compartilham conhecimentos, experiências pessoais e sociais a partir de um único cenário: Os animais.

### Referencias bibliográficas

Dias, Genebaldo (2001). *Educação ambiental: princípios e práticas*. São Paulo, Gaia.

IUCN. (1992) *La estrategia mundial de conservación de Zoológicos*. Zoological Society .U.S.A, Chicago .

**Mergulhão, Maria Cornélia; Vasaki, Beatriz (1998) *Educando para a conservação da Natureza: sugestões de atividades em educação ambiental*. São Paulo , EDUC.**

**Meyer, Mônica de Azevedo (1988). *Que bicho que deu: pesquisa de educação ambiental no***

***Jardim Zoológico de Belo Horizonte*. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais.**

**SMOLKA, A. L. B. (2000). O (im) próprio e o (im) pertinente na apropriação das práticas sociais. In: Caderno Cedes, ano xx, nº 50, abril.**

#### CITACIÓN

GARCIA, V. (2009). Visita monitora no zoológico de sorocaba: um palco de negociação de saberes. *Enseñanza de las Ciencias*, Número Extra VIII Congreso Internacional sobre Investigación en Didáctica de las Ciencias, Barcelona, pp. 1610-1615  
<http://ensciencias.uab.es/congreso09/numeroextra/art-1610-1615.pdf>